



DIÁSPORA BRASILEIRA E OS TRABALHADORES RETORNADOS DO EXTERIOR: QUANDO A FANTASIA ENCONTRA A REALIDADE

BRAZILIAN DIASPORA RETURNEES AND FOREIGN WORKERS: WHEN FANTASY MEETS REALITY

BRASILEÑOS DIÁSPORA REPATRIADOS Y TRABAJADORES EXTRANJEROS: CUANDO LA FANTASÍA SE HACE REALIDADE

Hélio Arthur Reis Irigaray, Dr.

Fundação Getulio Vargas, RJ/ Brazil

helio.irigaray@fgv.br

Maria Ester de Freitas, Dra

Fundação Getulio Vargas, SP/ Brazil

ester.freitas@fgv.br

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar o processo de readaptação ao Brasil, dos brasileiros que emigram nas últimas décadas do século XX e retornaram por causa da crise econômica. Elaborou-se uma pesquisa empírica, na qual entrevistamos 23 indivíduos com o perfil desejado e submetemos os dados à análise do discurso. Concluímos que a maior dificuldade de readaptação ao Brasil, que os emigrantes retornados encontraram, foi ter que lidar com coisas aparentemente familiares e habituais, mas que haviam sido ressignificadas pelos que ficaram. Estes indivíduos têm encontrado dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, pois se sentem pouco valorizados.

Palavras-chave: Imigração; Emigração; Retorno.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of adaptation in Brazil, the Brazilians who emigrated in the last decades of the twentieth century and returned because of the economic crisis. We developed an empirical study in which we interviewed 23 individuals with the desired profile and submit data to discourse analysis. We conclude that the greatest difficulty upgrading to Brazil, found that the returned emigrants, was having to deal with things seemingly familiar and routine, but had been re-signified by those who were. These individuals have found difficulty in entering the labor market, because they feel undervalued

Keywords: Immigration; Emigration; Return.

RESUMEN

Este trabajo analiza el proceso de adaptación en Brasil, los brasileños que emigraron en los últimos decenios del siglo XX, y regresó debido a la crisis económica. Hemos desarrollado un estudio empírico en el que se entrevistó a 23 personas con el perfil deseado y enviar datos al análisis del discurso. Llegamos a la conclusión que la mayor dificultad de actualizar a Brasil, encontró que los emigrantes retornados, fue tener que lidiar con cosas aparentemente son conocidas o habituales, sino que habían sido re-significada por los que estaban. Estos individuos han encontrado dificultades para acceder al mercado de trabajo, porque se sienten infravalorados.

Palabras clave: Inmigración; Emigración de retorno.

1 INTRODUÇÃO

A construção demográfica da sociedade brasileira se deu notadamente pelo intenso fluxo imigratório espontâneo e forçado (escravos africanos). Todavia, a grave crise econômica que atingiu o país durante a década de 1980, a qual ficou conhecida como a "década perdida", levou muitos brasileiros a emigrar para os Estados Unidos, Canadá, Portugal, Espanha, Reino Unido, França, Itália e Japão. Alguns fizeram-no legalmente; outros, ilegalmente. Estima-se que, aproximadamente, 3,2 milhões de brasileiros emigraram para estes países entre 1982 e 2006 (Itamaraty, 2010).

Em 2008, outra severa crise econômica ocorre, só que desta vez, os países mais atingidos foram justamente aqueles que receberam nossos emigrantes, e estes brasileiros optam por retornar à pátria-mãe, agora vislumbrada como "país emergente", terra de oportunidades e pleno emprego. Entre 2008 e 2011, aproximadamente 563.000 cidadãos retornaram ao Brasil em caráter definitivo, em busca de empregos e de um futuro melhor (Itamaraty, 2011).

Retornar ao país de origem é voltar ao lar idealizado, ao lugar de onde ninguém sai, mas não necessariamente o lugar se encontra quando se está de volta (Freitas, 2005). Nosso país de origem é "o ponto zero de um sistema de coordenadas que atribuímos ao mundo, a fim de definir a nós mesmos as nossas próprias referências" (Schutz, 2003: 45). De fato, ele significa muitas coisas e emoções ao mesmo tempo: casa, língua materna, família, infância, canções favoritas, gostos e cheiros, amores da juventude, os sonhos. Quando se vive no exterior, a pátria-mãe, a família, os amigos que deixamos passam a ser idealizados como perfeitos (Sussman, 2000); assim, o exilado, imigrante ou expatriado cria a fantasia de o retorno é o passaporte para a felicidade e a restauração de uma identidade perdida (Adelman, 2003)

Mas o que acontece quando esta fantasia é confrontada com realidade da volta? Este foi o ponto de partida desta pesquisa, cuja pergunta de investigação ficou assim formulada: como tem sido o processo de reinserção destes brasileiros no seu país de origem?

Para respondê-la, conduzimos uma pesquisa empírica, na qual entrevistamos indivíduos que emigraram, legal ou ilegalmente, na década de 80 e que retornaram ao Brasil, entre 2009 e 2012. Os dados foram obtidos via entrevista semi-estruturada, acerca das histórias de vida, experiências e percepções destes indivíduos. Para o tratamento dos dados obtidos nas entrevistas foi realizada análise do discurso, a qual tem a intenção de não só apreender a mensagem, como também explorar o seu sentido, seus significados: o que se fala e como se fala, o que está explícito e o que está implícito, a linguagem empregada no discurso, as dimensões enfatizadas (Neuendorf, 2002).

Este estudo é relevante à medida que contribui para a leitura da história recente de nosso país, sob uma ótica distinta do discurso oficial de prosperidade e do mito da hospitalidade brasileira (Irigaray; Vergara, 2010), bem como numa possível apreensão das dificuldades que estes indivíduos estejam encontrando. Este foi o interesse Ministério do Trabalho e Emprego ao implantar o Núcleo de Informação e Apoio aos Trabalhadores Brasileiros Retornados do Exterior. A rigor, caso haja alguma correlação entre o retorno de emigrantes e dos expatriados, há estudos que indicam que o retorno ao país de origem não é sempre fácil, devido aos choques culturais tão – ou mais – profundos quanto aos sentidos na chegada ao país estrangeiro (Sussman, 1985; 2000; Lee; Liu, 2006; Suutari; Brewster, 2003). Estes problemas derivam da falta de políticas organizacionais de ajuda e também do choque do retorno.

Este trabalho é composto de cinco seções, incluindo esta introdução. Na próxima, apresentamos nosso marco teórico, o qual servirá de base para a análise dos dados. A terceira se ocupa do percurso metodológico. Na quarta, apresentamos os resultados da pesquisa, os quais são discutidos na subsequente. Finalmente, na última, concluímos nosso trabalho e elencamos uma agenda de pesquisa.

2 A DIÁSPORA BRASILEIRA E O RETORNO DOS FILHOS PRÓDIGOS

Os anos 1980 foram marcados pelos processos de redemocratização da América Latina e do leste europeu, o gradual descongelamento das relações conflituosas entre as duas superpotências, as políticas econômicas neoliberais capitaneadas por Reagan e Thatcher e, aqui no Brasil, pelo desaquecimento econômico e as altas taxas de inflação. Como consequência, observou-se um forte afluxo de emigrantes brasileiros para os Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa ocidental.

Nota-se que, ao contrário dos seus antepassados que, na grande maioria, era despossuída de bens e fugia de conflitos, os brasileiros, que optaram por deixar o país nesta época, também era oriundos das classes média e média-alta, e buscavam escapar de um país que não oferecia oportunidades econômicas (FORJAZ, 1993).

De fato, a primeira característica do processo de imigração é que ele parece responder à atração dos países industrializados (PIORE, 1979). Alguns países (Japão, Nova Zelândia, Austrália, Canadá) organizaram programas para, deliberadamente, recrutar imigrantes e administrar sua permanência; em outros (EUA, França, Itália, Portugal), o mesmo não ocorreu.

Muitos dos brasileiros que emigraram, fizeram-no ilegalmente, visando a ocupar um conjunto distinto de empregos que a força de trabalho nativa se recusava a fazê-lo. Por exemplo, os brasileiros que emigraram para o Japão realizavam trabalhos que os locais denominavam de “trabalho 3 ki – *kitanai, kiken e kitsui*”, ou seja, sujo, perigoso e pesado (FORJAZ, 1993).

Todavia, é importante, esclarecermos que, diferentemente de outros estudos, evitamos usar o termo “exilado econômico”, pois estes cidadãos não foram expulsos compulsoriamente do país; eles foram, na realidade, atraídos pelos países mais industrializados. No limite, este processo migratório atendeu as necessidades estruturais das economias mais desenvolvidas à medida que os salários pagos e as condições de trabalho oferecidas em certas indústrias eram recusadas pelos nativos, que contavam com uma rede de amparo social, eram sindicalizados e, portanto, protegidos pela lei. Por isso, julgamos ser mais correto o uso da expressão “diáspora brasileira”.

A partir de 2008, Os Estados Unidos, Japão e Europa mergulharam numa recessão econômica, a qual tem se caracterizado por altas taxas de desemprego, inflação, bem como políticas de arroxo salarial e de cortes em subsídios sociais. Dentro da lógica econômica, por não precisar mais de força de trabalho barata e pressionados por demandas populares, os governos destes países apertaram suas políticas de imigração. A combinação destes fatores, combinada com o aquecimento da atividade econômica no Brasil, a valorização do real, a qual tornou desvantajoso enviar dólares e euros para cá, não só arrefeceram o fluxo emigratório para o hemisfério norte como trouxeram de volta os brasileiros que haviam emigrado.

O retorno ao país de origem é sempre idealizado (FREITAS, 2000) com a volta ao lar receptivo, harmonioso e aconchegante, mas esta concepção é um mito, que para ser compreendido deve ser desnudado.

3 DESNUDANDO O MITO DO RETORNO

Ulysses poderia ser considerado o arquétipo do exilado, expatriado e emigrante. Por uma série de desvios involuntários, tanto mais se afasta de sua Ítaca quanto mais quer voltar. Ele encarna o amor pela terra natal e se constrói no caminho do mito do retorno. Mas o que acontece quando ele, enfim, consegue voltar?

Segundo Homero (1992), Ulysses, dormindo e completamente exausto, é colocado por marinheiros nas margens do rio Ítaca, sua terra natal, após 20 anos de ausência e de travessias perigosas. Quando ele desperta, meio a uma neblina, não reconhece o lugar onde está e amaldiçoa o destino, que mais uma vez, o afasta do seu caminho de casa. A neblina foi provocada pela deusa Pallas Athena, sua protetora, que pretendia mantê-lo na ignorância até instruí-lo sobre como que ele deveria agir para tomar o seu lugar na casa e na vida da cidade.

Entendemos a neblina que cerca Ulysses como um símbolo que parece ser compartilhado por uma parte das pessoas que ficaram muito tempo fora de casa e que retornam, encontrando um aspecto desconhecido naquilo que deixou. O homem que volta não é igual ao que partiu e ele espera encontrar o que deixou ou o conhecimento íntimo que ele tinha quando se foi, porém não é certo que ele encontrará as mesmas referências (Freitas, 2005).. Tudo o que ele agora tem são as lembranças do passado, que no confronto com o presente, o deixa desorientado, tal como o choque de Ulysses.

Ao retornar ao país de origem, o indivíduo tem que lidar com coisas aparentemente familiares e habituais, mas que para os que ficaram foram ressignificadas (SCHÜTZ, 2003, p. 46). Assim, o que era concebido como lar reconfigura-se como uma terra estrangeira; os amigos em estranhos; a esperança, em decepção (LIMA, 2009).

Em oposição ao imigrante, a quem tudo é novo, aquele que volta para casa encontra um ambiente ao qual pertencia e sobre o qual acredita ter um conhecimento íntimo. As lembranças do passado e as memórias trazem referências, uma maneira de pensar e de resolver os problemas que, outrora, eram compartilhadas pelo grupo. Em outras palavras, este sujeito não precisa de procurar novas definições ou novas soluções para velhos problemas, pois domina o sistema de pertinência e do regime de interpretação do grupo. Esta é a lógica que prevalece ao se retornar, no momento da chegada.

No entanto, estes indivíduos, ao emigrarem, fizeram um corte na linha da participação na vida daqueles que foram deixados para trás. Por um lado, ele (a) viveu experiências novas, travou contato com outros sistemas de pertinência, outros códigos culturais; por outro, os que ficaram aprenderam a viver com sua ausência, e este lugar vazio foi, gradualmente, preenchido pela memória por razões práticas da vida cotidiana (FREITAS, 2005). O que deixou também substituiu as experiências com o grupo original por memórias, que, como o passar do tempo, deformaram-se e foram reinterpretadas, e até mesmo idealizadas.

Esta foi a vivência de Irene, a heroína de Kundera (2000), que fica a espera de que as pessoas perguntem-lhe qualquer coisa, quando ela volta a Praga, após 20 anos exilada em Paris. Como isto não ocorre, Irene se dá conta que o preço para ser aceita de volta ao grupo é fingir que nada aconteceu nos últimos 20 anos, também ignorar que, muitos ao seu redor, pensam que sua vida no exterior foi fácil. Assim como para Irene, os que retornam ao país de origem sofrem quando a realidade é confrontada com a idealização do mesmo.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo está fundamentado sobre as premissas de que existem realidades múltiplas e simultâneas, as quais são construídas pelos indivíduos a partir da linguagem de suas experiências pessoais, e que um indivíduo e seu mundo são elementos indissociáveis.

A pesquisa de campo, realizada entre março de 2010 e outubro de 2011, consistiu em entrevistas com 23 brasileiros que emigraram para os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Portugal e Japão, entre 1987 e 1993, e retornaram definitivamente ao Brasil entre 2009 e 2010. Optamos por um roteiro compatível com a entrevista focada, semi-estruturada, o qual foi dividido em cinco blocos.

No primeiro, coletamos os dados categóricos dos entrevistados (idade, grau de instrução, formação profissional, estado civil); no segundo, focamos na emigração em si (razões para fazê-lo, a escolha do novo país, o processo de saída do Brasil). No terceiro, objetivamos acessar as experiências destes sujeitos no exterior (processo de aclimatação, vivências, experiências, como o Brasil era percebido neste momento). No quarto bloco, focamos na crise econômica de 2008 e a decisão de retornar (razões, dúvidas, expectativas). Finalmente, o último, por sua vez, tratou da chegada no Brasil (o processo de readaptação, facilidades e dificuldades encontradas na sociedade e, especialmente, no ambiente de trabalho).

As entrevistas foram submetidas à análise do discurso, a qual, no presente estudo, não é entendida como análise do discurso apenas uma extensão dos procedimentos distribucionais a unidades transfrásticas (HARRIS, 2004), etnografia da comunicação (GUMPERZ; HYMES, 1964), nem a análise conversacional de inspiração etnometodológica (GARFINKEL, 1967); antes, como um instrumento de análise do deslocamento da história das ideias para os dispositivos enunciativos (Foucault, 2004) e para a dimensão dialógica da atividade discursiva (BAKTHINE, 2003).

Notadamente, neste estudo, valemo-nos do posicionamento e da paratopia como instrumentos de análise. O posicionamento, categoria-base da análise do discurso, designa apenas o fato de que, por meio de emprego de tal palavra, registro de língua ou construção do discurso, um locutor indica como ele se situa num espaço conflituoso, usando muitas vezes um tom didático ou vocabulário técnico (CHARAUDEAU, 1999). Já a paratopia é a difícil negociação entre lugar e não-lugar, a localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar, ou seja, a relação paradoxal de inclusão / exclusão no espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto (MAINGUENAU, 1993).

4.1 Análise do discurso das entrevistas: síntese das principais formações discursivas

A apreensão das experiências, sensações e perspectivas dos brasileiros que emigraram e retornaram ao Brasil, nos últimos anos, foi viabilizada, como mencionado, por meio de entrevistas, já que entrevistas refletem as práticas discursivas de um grupo de indivíduos (FOUCAULT, 1987), e pela análise das mesmas.

Nesta pesquisa, buscamos preservar o anonimato dos respondentes; por isso, eles foram identificados como “entrevistados” (E1 a E23). Os cinco blocos das entrevistas, previamente mencionados, podem ser sintetizados pelas seguintes perguntas do roteiro básico:

- a) Bloco 1 – Categorização do entrevistado – Quantos anos você tem? Qual seu grau de escolaridade e formação profissional? Qual seu estado civil?

- b) Bloco 2 – Processo emigratório – Quando saiu do Brasil? Quais foram as principais razões para fazê-lo? Como se deu a escolha do país de destino? Como foram os preparativos e a viagem de ida? Como se sentiu neste momento?
- c) Bloco 3 – Experiência no exterior – Como foi a chegada e o processo de aclimação? Quais foram as vivências e experiências mais marcantes? Como o Brasil era percebido durante o tempo que morava lá fora?
- d) Bloco 4 – A volta para o Brasil – Que razões levaram-no(a) a voltar ao Brasil? Quais foram as principais ponderações, dúvidas, expectativas que pesaram na tomada de decisão?
- e) Bloco 5 – A vida no Brasil – No que o Brasil mudou? Como vê o Brasil agora? Como foi o processo de readaptação? Foi fácil conseguir um emprego? Como tem sido trabalhar aqui?

As características dos 23 entrevistados, objeto do primeiro bloco são: 15 homens e 8 mulheres, com idade média de 39 anos, todos com nível superior; quanto ao estado civil, 16 eram casados, 2 solteiros e 5 divorciados.

A seguir, apresentamos as principais formações discursivas, por bloco, com base nas perguntas-sínteses acima mencionadas. Foram selecionados os fragmentos de texto que melhor refletiram a categoria de análise, expressas nos títulos de cada um dos 4 quadros abaixo.

Quadro 1 – A diáspora: o processo emigratório

“Eu trabalhava numa multinacional, estava bem e para padrões nacionais na época eu não tinha do que reclamar. Mas estamos falando dos anos Collor, confisco, eu não via nenhuma perspectiva, estava desiludido. Eu achei que era melhor ser proletário em Nova York do que classe “médica” aqui no Brasil (E6)

“Eu sabia que nenhum país do mundo seria um mar de rosas, mas o Brasil estava demais. Sabia que ia sair de casa, mas não sabia se voltava. Tinha medo de bala perdida, arrastão. Na Europa não teria nada disso (E15)

“Eu tinha amigos morando em Boston e todos falavam venha, venha, aqui é a terra das oportunidades, tem emprego para todo mundo. Daí passei a mão em mim mesmo e fui” (E4)

“Como descendente de japoneses eu podia morar legalmente no Japão. Não tenho parente lá, mas achava que conhecia bem a cultura e a língua. Isso era pelo menos o que eu achava” (E7)

“Fui para Portugal porque português é a única língua que eu falo, e me diziam que os países eram quase iguais. Fui com a cara e a coragem”. (E11)

No que tange o momento da diáspora em si - o movimento emigratório - constatou-se que apenas dois destes indivíduos estavam desempregados, na época. Os outros fizeram-no por um desencantamento com o Brasil e a falta de perspectiva de um futuro melhor. É o que desvela o fragmento de discurso de E6, notadamente na seleção lexical “*melhor ser proletário em Nova York do que classe “médica” no Brasil*”. De fato, o

neologismo “*mérdia*” utilizado pelo interlocutor desvela a percepção de uma precarização da qualidade de vida no Brasil.

A rigor, a seleção lexical “*falta de perspectiva*” foi repetida em todas as entrevistas, e no caso do entrevistado E6, por ter sido proferido por um jovem bem empregado (“*estava bem para padrões nacionais*”), revela que este sentimento independia de sexo, faixa etária, classe social ou grau de escolaridade. Ele refletia a insatisfação com o momento que o país vivia, não só o econômico, mas também o social, o que complementa o estudo de Forjaz (1993), o qual sugeriu que, fundamentalmente, o movimento emigratório brasileiro, das décadas de 80 e 90, se deveu à precarização da atividade econômica no país.

Nossos emigrantes não fugiram à regra sugerida por Piore (1979), e buscaram viver em países mais industrializados. Entretanto, os fragmentos de textos dos entrevistados E7 e E11 também indicaram outra racionalidade: a busca por culturas mais familiares, o que ficou evidente nas seleções lexicais “*que conhecia bem a cultura e a língua* (E7) e “*fui para Portugal porque português é a única língua que eu falo*” (E11).

Mas, o sonho, quando confrontado com a realidade, muitas vezes revela-se irreal. As perspectivas de uma vida melhor se realizaram? Este foi o eixo do terceiro bloco do roteiro, que gerou o seguinte quadro de análise:

Quadro 2 - Experiência no exterior

“Comi o pão que o diabo amassou no início, mas depois tudo entrou nos eixos. *Ganhava meu dinheirinho, podia comprar minhas coisinhas e ainda sobrava grana para mandar aqui para casa e dar uma força para os meus velhos (...)* mas eu *sempre vivi com outros brasileiros. A sociedade americana é muito fechada*”. (E11)

“*Aprendi muita coisa, principalmente o que é ser estrangeiro. Aqui tinha empregada que fazia tudo lá em casa e, na América, tive que aprender a lavar, passar, cozinhar, mas achava que estava melhor. Apesar de estar ilegalmente lá eu conseguia promoções* (E14)

“*Eu tinha uma relação de amor e ódio com o Canadá. Gostava de algumas coisas, tudo era organizado, um país limpo, seguro, onde eu ganhava minha graninha; mas, por outro lado, achava que era um povo frio, e um país mais frio que o povo [risos], meio sem graça. O Brasil para mim era as férias eternas, sol, praia, minha família, meus amigos, as festas, o chopp gelado no barzinho*” (E9)

“*Não posso dizer que sentia falta do Brasil, mas sentia falta das pessoas. Eu achava que elas aqui [no Brasil] eram mais afáveis, carinhosas*” (E13)

“*Ah, o tempo que morei nos EUA me sentia um pop-star. Meus amigos me mandavam e-mail, pediam dicas (...)* morar no exterior era símbolo de status (...)*Quando eu vivia no Brasil queria ir embora, porque lá tudo seria diferentes. Quando eu estava por lá e ficava doente, tinha aborrecimentos, me lembrava do Brasil. Eu olhava para o pôster do Corcovado no meu quarto, era como se aquela imagem e lembranças pudessem acalmar a minha alma*” (E21)

As experiências e vivências no exterior revelaram-se docemente amargas, o que foi resumido na seleção lexical “*eu tinha uma relação de amor e ódio com o Canadá*”, no fragmento de discurso do entrevistado E9.

O doce está na concretização dos sonhos: uma vida diferente, um ambiente social mais tranquilo e, apesar de muitas vezes estarem ilegais, emprego o que significava a possibilidade de ajudar a família que tinha ficado no Brasil.

Ao contar sobre os anos que moraram no exterior, os entrevistados se enterneciam, sorriam e, eventualmente, embargavam a voz. Eles deixaram claro como foi importante este movimento, não só pelo aspecto financeiro, mas por tudo o que aprenderam.

De fato, seleções lexicais como “*aprendi muita coisa*”, [o Canadá] *era um país limpo, seguro, onde eu ganhava minha graninha*” e “*podia comprar minhas coisinhas [...] e dar um força para os meus velhos*” sumarizam o que morar no exterior significou para estes indivíduos, especialmente para sua auto-estima.

Efetivamente, esta dimensão psicológica se desvelou explicitamente no fragmento de discurso do entrevistado E21, especialmente nas seleções lexicais “*o tempo que morei nos EUA me sentia um pop-star*”. De uma forma ou de outra, todos os entrevistados sugeriram que, nos anos 80 e 90, viver fora do país era motivo de orgulho para a família e os amigos, que tinham ficado no Brasil, demonstravam uma certa inveja e o desejo de fazer o mesmo movimento.

Por outro lado, este período no exterior também revelou seu gosto amargo; pois, ser estrangeiro, aprender um novos códigos sociais, às vezes um novo idioma, se adaptar a uma nova rotina é fonte de estresse e sofrimento (FREITAS, 2005), como ficou evidente no fragmento de discurso de E11, principalmente na seleção lexical “*comi o pão que o diabo amassou no início*”.

Ao longo da diáspora, os emigrantes enfrentaram momentos difíceis, que eles mesmo reconheceram como normal. Quando eles ocorriam, as lembranças do Brasil serviam como acalanto, conforme contou o entrevistado E21, no seguinte fragmento de texto: “*quando tinha aborrecimentos, me lembrava do Brasil [...] olhava para o pôster do Corcovado no meu quarto, era como se aquela imagem e lembranças pudessem acalmar a minha alma*”. Este era o *locus* que o Brasil ocupava no imaginário destes emigrantes: o de colo materno.

Obviamente, quando a situação econômica deteriorou a partir de 2008, e estes indivíduos perderam emprego, a alternativa escolhida foi a do retorno à “*pátria mãe gentil*”. Não que esta decisão tenha sido fácil, tampouco o processo em si. Este foi o eixo do quarto bloco do roteiro de entrevistas, o qual gerou o seguinte quadro de análise:

Quadro 3 – A volta para o Brasil

<p><u>“Em 2008 o bicho começou a pegar: perdi o emprego, todos meus conhecidos ficaram desempregados também. Até fome cheguei a passar. Todo mundo começou a falar que o Brasil era a bola da vez, daí não tive dúvidas; tornei a passar a mão em mim mesmo e voltei” (E4)</u></p> <p><u>“Não sei como foi essa volta. Foi tudo tão rápido. As coisas começaram a ficar ruins na Europa, todo mundo aqui no Brasil fazendo coro: “volta, volta, volta”, “o futuro chegou”, “o Brasil decolou”. Eu acreditei” (E17)</u></p> <p><u>“Achei que a volta seria mais fácil do que a ida; afinal de contas lá eu era ilegal; aqui seria cidadão, com todos os direitos que um cidadão tem”. (E14)</u></p> <p><u>“Foi uma decisão difícil, eu já tinha me acostumado lá. Mas fiquei totalmente sem grana e aqui tinha a casa dos pais para morar e a chance de aproveitar do país que está num momento bom”. (E8)</u></p> <p><u>“Eu sempre quis voltar, tinha saudades da comida, do calor, dos meus amigos. Era como se eu tivesse realmente voltando não para casa, mas para o meu [ênfase] lar. O que não quer dizer que tenha sido fácil e barato. Tanto para ir quanto para voltar foi difícil (...) Voltar foi mais caro, pois tinha muita coisa para trazer (...) mas a dor do adeus a amigos foi a mesma” (E6)</u></p>
--

A decisão de voltar ao Brasil foi tão difícil quanto a de partir; no limite, se revelaram dois lados da mesma moeda. Uma mudança implica em esforço físico: empacotar, se desfazer de objetivos impregnados de memórias e significados, lidar com a burocracia de fechar uma casa. Mais do que isso, há um rompimento emocional de dizer adeus a pessoas, lugares, cheiros e sabores. Esta similaridade foi desvelada no fragmento de discurso de E7, especialmente na seleção lexical “a dor do adeus a amigos foi a mesma”.

No entanto, a vontade de voltar ao Brasil não foi unânime; alguns sempre acalentaram-na; outros só tomaram esta decisão em função das dificuldades econômicas enfrentadas. Alguns destes emigrantes já partiram do Brasil com a determinação de que a vida no exterior seria temporária e, nestes casos, como afirmou E6: “eu sempre quis voltar”, ao contrário de E8 que garantiu que “já tinha me acostumado lá”.

Partindo destas diferentes perspectivas o Brasil era percebido diferentemente. Para os indivíduos que se identificavam com o primeiro grupo, o país de origem era idealizado com a volta ao lar receptivo, harmonioso e acolhedor, assim como no caso dos expatriados estudados por Freitas (2000). Já os outros, pesou especificamente uma decisão lógica e instrumental: ir para onde os empregos estão.

Ao contrário do momento histórico estudado por Piore (1979), no qual os países industrializados atraíram imigrantes; o fim da primeira década do século XXI e início da segunda se têm se caracterizado pelo papel dos países emergentes como destino de imigração. Por exemplo, no caso do Brasil, há um intenso fluxo de migrantes da Bolívia, Paraguai, Argentina, Haiti, de países africanos, e também de espanhóis e portugueses (ITAMARATY, 2011).

Assim como Ulisses, o herói de Homero (1992) e Irene, a heroína de Kundera (2000), os brasileiros, que emigraram, também passaram um longo período longe de sua terra natal. Neste interim, eles mudaram, viveram

novas experiências, adquiriram novos hábitos; mas o país, a família, os amigos que eles deixaram para trás também mudou. Como se deu este processo de readaptação quando do retorno? Este foi o objetivo central do quinto, e último, bloco do roteiro de entrevistas, o qual gerou o seguinte quadro de análise:

Quadro 4 – A vida no Brasil

“Engraçado, todo mundo que falava “volta, volta, volta” sumiu. Eu esperava uma superrecepção, mas só minha mãe ficou feliz com a minha volta, parece. Me sinto só, da mesma forma que me sentia quando cheguei em Londres. Emprego eu consegui, mas não é nada como eu esperava” (E17)

“Acho estranho. Quando saí daqui todo mundo me deu a maior força porque o Brasil era isso, era aquilo. Quando eu estava nos EUA, todo mundo queria ir me visitar, me elogiava, eu era o sinônimo do cara bem sucedido. Agora quando voltei, me tratam como o fracassado” (E21)

“O que mais ouvi até agora é que não fui patriota. Que quando o Brasil ia mal eu me mandei, e que agora estou de volta com o rabo entre as pernas. Mas não é nada disso, só não tive outra opção, da mesma forma dos exilados políticos. Só que eles quando voltaram foram tratados como heróis e injustiçados; eu, como traidor e covarde.” (E5)

“O país que eu deixei não existe mais; aquele que eu sonhava nos dias frios de inverno também não. A vida aqui está cara e dura. Mesmo no trabalho, me sinto um estrangeiro. Falo o português, mas não consigo entender as pessoas e nem me fazer entender.” (E1)

“Quando estava fora, eu era tratado como estrangeiro; as pessoas deixavam claro que eu não pertencia lá (sic); mas eu era alguma coisa. Aqui não sou nada. A adaptação tem sido difícil, tudo é igual, mas tão diferente. Achar emprego foi difícil, tenho que refazer toda a rede de contatos que perdi.” (E13)

Nas entrevistas, ficou patente que a maior dificuldade de readaptação no Brasil, que os emigrantes retornados encontraram, foi ter que lidar com coisas aparentemente familiares e habituais, mas que para os que ficaram foram ressignificadas (SCHÜTZ, 2003, p. 46). Este sentimento ficou evidente nos fragmentos de discurso de E1 e E13, especialmente nas seleções lexicais “o país que eu deixei não existe mais” e “tem sido difícil; tudo é igual, mas tão diferente”. Assim, como já apontado por Lima (2009), o que era concebido como lar se reconfigurou como uma terra estrangeira; os amigos em estranhos; a esperança, em decepção.

Em oposição ao imigrante, a quem tudo é novo, aquele que volta para casa encontra um ambiente ao qual pertencia e sobre o qual acredita ter um conhecimento íntimo. Para estes indivíduos, havia lógica em se sentirem estrangeiros no exterior; mas não em ter o mesmo sentimento no próprio país. Esta angústia foi explicitada no fragmento de discurso de E1, no seu tom de voz, ao afirmar que “falo o português, mas não consigo entender as pessoas e nem me fazer entender”. É um peso para este interlocutor se dar conta de que apenas por falar a língua não é o suficiente para que ele (re)decodifique mensagens e interaja socialmente.

Também foi recorrente nos discursos dos retornados o sentimento de decepção por uma expectativa não realizada e promessas não cumpridas, principalmente por parte dos amigos e familiares. Por exemplo, no fragmento de discurso do E17, ele contou que foi incentivado a retornar, mas quando aqui chegou, não encontrou a superrecepção que esperava. Os entrevistados revelaram que se sentem pouco prestigiados e, assim como Irene, seus anos longe de casa não têm valor algum para os que ficaram.

Se emigrar décadas atrás e viver no exterior foram sinônimos de status, agora não é mais. Pelo contrário, não raramente, estes retornados contaram que são alvo de ironia e deboche; referidos como fracassados e traídores. Isto ficou patente no fragmento de discurso do E21. Já E5 foi além, ele traçou um paralelo entre sua história de vida e a dos exilados político. Ele se autodenominou “exilado econômico”, pois assim como os outros, ele “*não teve outra opção*”, a não ser deixar o Brasil.

Ironicamente, os brasileiros que emigraram fizeram-no, no mesmo momento histórico em que os exilados políticos, como Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola e Fernando Gabeira, retornavam ao Brasil. Foram anos de festas nos aeroportos brasileiros; onde eram saudados tanto os heróis que voltavam, como aqueles que partiam para “fazer a América. Todavia, no retorno, os tratamentos foram diferentes, como desvelaram os fragmentos de discurso de E 21 e E5; notadamente as seguintes seleções lexicais: “*eu era o sinônimo do cara bem sucedido [...] agora quando voltei, me tratam como o fracassado*” e “*que mais ouvi até agora é que não fui patriota*”.

5 DISCUSSÃO

No limite, a emigração destes brasileiros e seu retorno para casa são dois lados da mesma moeda; pois ambos os movimentos foram determinados por razões econômicas e contaram com o apoio da família. Entretanto, há diferenças no que tange o tipo de emprego procurado, o status na comunidade, documentação e, conseqüentemente, os direitos trabalhistas.

De fato, principalmente os que emigraram ilegalmente, além de viverem o medo de uma possível deportação, aceitaram funções e remunerações, que não fariam aqui no Brasil. A rigor, todos, exceto um, trabalharam como domésticas, babás, pintores de parede, ganhando menos do que um cidadão ou residente local ganharia.

Ao voltarem ao Brasil, embuídos de sua condição de cidadão, e por se considerarem mais qualificados do que os conterrâneos que aqui ficaram; estes indivíduos se recusaram a aceitar “*qualquer emprego por qualquer salário*”, o que gerou dificuldade em serem empregados.

Com o passar do tempo, realizaram que há de fato prosperidade e pleno emprego no Brasil, mas os salários são mais baixos do que nos países industrializados; e no caso da Europa, os benefícios sociais também são menos amplos. Conseqüentemente, no que tange à vida profissional, estes retornados têm se demonstrado insatisfeitos.

Emocionalmente, o maior custo na readaptação tem sido lidar com a frustração de não terem sido recebidos como esperavam que fossem. Ademais, o fato de serem comparados aos exilados políticos, e tratados como covardes e não patriotas, fazem-nos sentir injustiçados. Todavia, esta comparação é duplamente equivocada, pois a vida dos exilados políticas foi interrompida, na maioria das vezes, de forma involuntária ou violenta. Ademais, estes, quando repatriados – assim como todos os outros - podem viver todas as agruras do

retorno, como qualquer outro repatriado: o estranhamento, o deslocamento, o desconforto, a perda. Entretanto, diferentemente dos expatriados e emigrantes por razões, o repatriado político pode ter no retorno a possibilidade de reconstruir sua trajetória de vida.

A distinção já se dá no próprio movimento de saída do país, o expatriado e o migrante deixam a terra natal por livre e espontânea vontade; já os exilados políticos o fazem por razões muito sérias, pressões psicológicas muito fortes, ou mesmo ameaça de morte ou prisão; momentos históricos caracterizados por extremismo político, maior probabilidade de perseguição política, a qual pode resultar em prisão, tortura ou morte.

As situações de repressão política extrema, comuns nos regimes políticos autoritários, nas ditaduras, bem como em momentos de exceção, podem resultar na suspensão das garantias democráticas. Em um caso ou noutro, pessoas que têm atuação política na oposição ao regime podem correr riscos. Quanto maior a importância da atuação política do indivíduo, maior o seu risco pessoal. É por isso que o exilado político – voluntário ou forçado – sofre da mesma impossibilidade: a de permanecer na sua própria terra.

E é justamente o fato de que o expatriado político foi obrigado a tal, que o seu retorno tende a ser socialmente considerado como uma dívida da sociedade para com ele. Independente dos seus sentimentos pessoais de angústia com as diferenças que encontra no retorno, independente do estranhamento que sente ao perceber que a vida seguiu seu fluxo, que todos continuaram seus caminhos sem ele, o repatriado político tende a ser recebido de braços abertos. Não estaríamos exagerando em dizer que o repatriado político tende a ser visto como um herói do nosso tempo

A frustração desses retornados jaz no fato de que, em contato com o real, aquele que volta traz novas experiências que o grupo, que aqui ficou não teve acesso. Assim, eles tendem a reavaliar velhas experiências e continuar a cuidar de coisas que os amigos e familiares não mais dão valores. Deste modo, há uma intensa dificuldade para se restaurar a intimidade com os que ficaram, porque o grupo local mudou seu sistema de pertinência e seus membros sofreram alterações.

Apesar de, durante o período da diáspora, o emigrante, sua vida e opções, terem sido valorizadas pelo seu círculo social; na volta, o grupo que permaneceu não mostra interesse pelo que foi visto por aquele que retorna; apesar de este(a) estar disposto (a) a compartilhar tudo que viveu e aprendeu. Mais uma vez, o emigrante descobre-se estrangeiro; desta vez, em sua própria terra natal.

Depois de muitos anos de ausência, a frase "Você não mudou um pouco " pode ser dita como um elogio para aqueles que proferem-na; ao mesmo tempo que "Como você está diferente!" pode soar como censura, como decepção ou mesmo traição. Esquecer-se de algumas palavras, situações, nomes ou datas relacionadas com o passado pode ser alvo de muitos mal-entendidos. A negação da mudança por meio dos quais um foi levado é sentida como uma amputação da vida, como um rapto psíquico, algo tão doloroso quanto a indiferença que foi vivida sempre na condição de estrangeiro. Mas é muito mais difícil ser um estrangeiro em casa, porque este tratamento não é esperado.

Ao se dar conta que sua Ithaca não existe mais, cabe ao emigrante-retornado viver no limbo, no não-lugar, aquele que é constantemente idealizado e reidealizado, como um ambiente querido e hospitaleiro, a qual ele (a) pertença e se sinta pertencer.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Cross-cultural adjustment: a theoretical perspective on social support. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 12, p.183-204, 1988.

BAHKTINE, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARAUDEAU, N. Análise do discurso, controvérsias e perspectivas. In: H. Mari et al., (Ed.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999. p. 27-44.

FORJAZ, M. Os Exilados da Década de 80: Imigrantes Brasileiros nos Estados Unidos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n.1, p. 65-83, 1993.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

FREITAS, M. **Como vivem os expatriados e suas famílias no Brasil: o caso dos franceses em São Paulo**. São Paulo, FGV/EAESP, NPP, 2000.

FREITAS, M. **Executivos Brasileiros expatriados na França: uma contribuição aos estudos organizacionais interculturais**. Monografia para professor titular, FGV/EAESP, 2005.

HARRIS, C. **Acknowledging lesbians in the workplace: Confronting the heterosexuality of organizations**. Paper presented at the annual meeting of the Academy of Management, Dallas, TX Homero (1992). Odisséia. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 2004.

IRIGARAY, H.; VERGARA, S. Expatriados no Brasil: Diferentes Nacionalidades, Diferentes Percepções. **Gestão.Org**, v. 8, p. 49-60, 2010.

ITAMARATY, 2010. Disponível: < <http://www.itamaraty.gov.br/>>. Acesso em: 26 maios 2011.

ITAMARATY, 2011 Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/agencia-brasil/2011/01/10/emigrantes-brasileiros-que-retornam-ao-pais-terao/?searchterm=emigrantes>>. Acesso em: 26 maios 2011.

KUNDERA, M. **L' Ignorance**. Paris: Gallimard, 2000.

LEE, H.; LIU, C.H. Determinants of the adjustment on expatriate managers to foreign countries. **International Journal of Management**, v. 23, n. 2, p. 303-311, 2006.

LIMA, M. **Políticas e Práticas de Recursos Humanos do Processo de Repatriação de Executivos Brasileiros.**, 2009. Dissertação (Mestrado) - FGV/EAESP, São Paulo, 2009.

MAINGUENAU, D. Analyzing self-constituting discourses. **Discourse Studies**, v. 1, p.175-199, 1999.

NEUENDORF, Kimberly. **The Content Analysis Guidebook**. Thousand oaks, CA:Sage, 2002.

PIORE, M. **Birds of Passage: migrant labor and industrial societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SCHÜTZ, A. L'Homme qui rentre au pays(1945), In: SCHÜTZ, A. **L'Etranger-Un Essai de Psychologie Sociale**. Paris: Ed. Allia, 2003.

DIÁSPORA BRASILEIRA E OS TRABALHADORES RETORNADOS DO EXTERIOR: QUANDO A FANTASIA ENCONTRA A REALIDADE

SUSSMAN, N. The Dynamic nature of cultural identity throughout cultural transitions: why home is not so sweet. **Personality and Social Psychology Review**, v. 4, n. 4, p. 355-373, 2000.

SUSSMAN, N. The corporate re-entry: a comparative look at returning home. **Japan Psychological Association**, Tokyo, 1985.

SUUTARI, V.; BREWATER, C. Repatriation: empirical evidence from a longitudinal study of careers and expectations among Finnish expatriates. **International Journal of Human Resource Management**, v. 14, n. 7, p. 1132-1151, 2003.